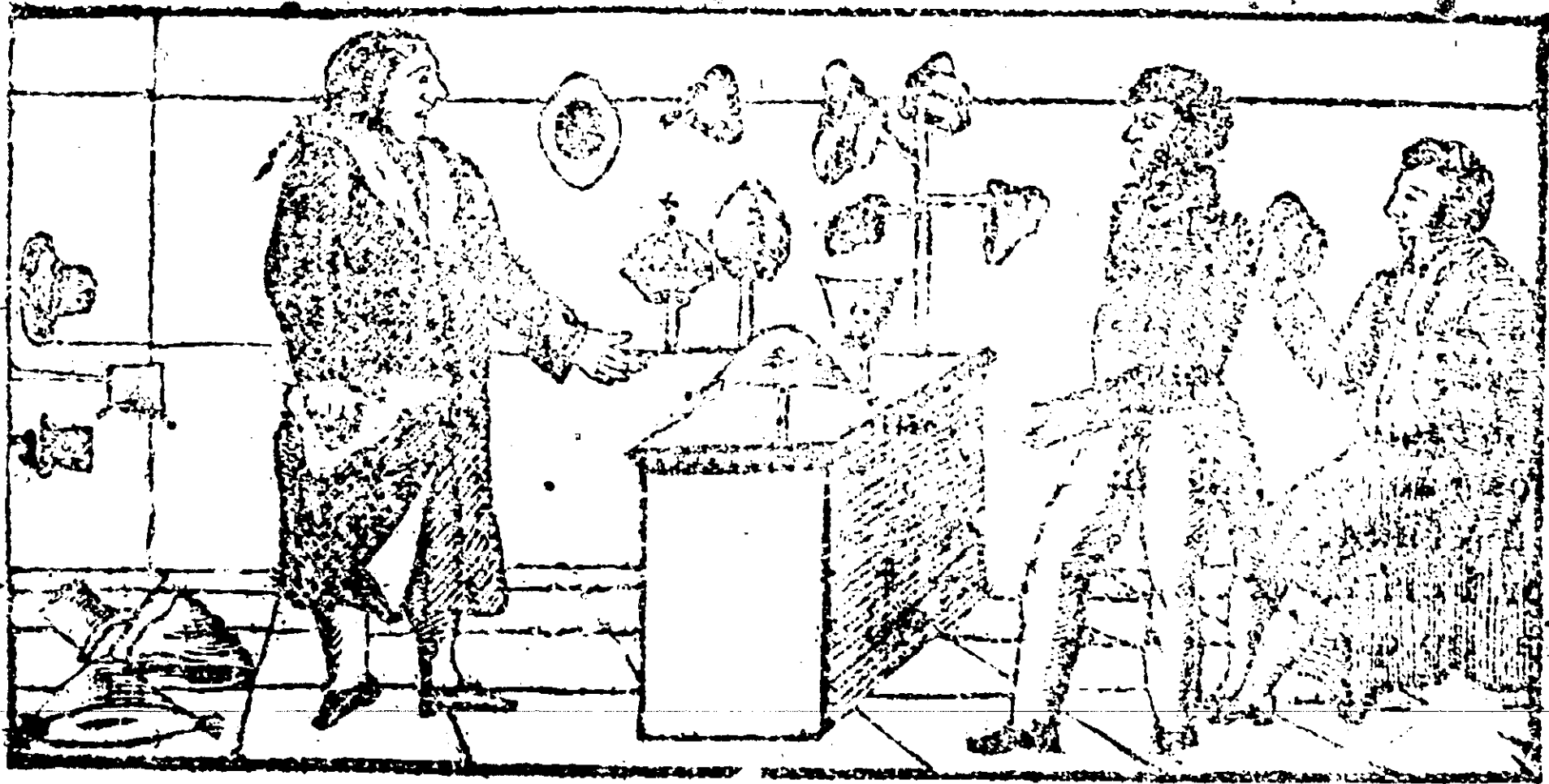


O
CARAPUCEIRO

29 DE AGOSTO
DE 1838



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardarei nesta Folha as regras boas
Que he dos vicios fallar, não das pessear

O desacato publico praticado em Lisboa na occasião da Procissão do Corpo de Deos a 15 de Junho.

Longe de desculpar, longe de prender atenuar o crime, e reprovando, e condemnando, e anathematizo o desacato, que appareceu em Lisboa na occasião da Procissão do Corpo de Deos: mas não me cegarei o espirito de partido, não attribuirei á Constituição, ou á Carta este acontecimento doloroso, que nenhuma analogia tem com ellas, nem me arriscarei a sustentar — que este facto vergonhoso, e sacrilego de certo não pertence á historia da briosa Nação Portugueza, elle pertence todo ao genio liberal, e ainda mais que elle he huma lição, e huma prova da impossibilidade de manter-se a ordem civil no meio de taes elementos institucionaes, &c.

Primeiramente não he exacto o dizer-se, (como se se pregasse a peixinhos, ou a poixotes), que esse facto vergonhoso, e sacrilego não pertence á historia da briosa Nação Portugueza. Pertence, e mais que pertence. Por

ocasião da aclamação do Mestre de Aviz, que tomou o titulo de S. João, o que se fez ao sabio, e virtuoso Bispo de Lisboa; por que era Hespanhol, e da parcialidade da sua legitima Soberana, a Rainha D. Leonor? O povo invadiu a Igreja Cathedral, e fogueando o Prelado para a torre, d'ali o baquearão na rua, onde a canalha o despio do habito Pontificio, e perfeitamente nũ levou á vergonha por todas as ruas o despedaçado cadaver de seu ancião, e venerando Pastor. Não pararão nisto os attentados, e sacrilegios. A Abbadesa d'Alora, Religiosa de grandes virtudes, só por que era parenta da Rainha, foi acometida no sagrado remanso de seu convento; e como a encontrassem abraçada com o S. Sacramento, q' o medo a levou a tirar do Sacratio, assim mesmo a cobrirão de cotiladas, banhando no sangue da Virgem a Hostia consagrada. Arrastrarão-a pelas ruas publicas, despida da cintura para baixo; e elle ião cortando os vestidos por onde a modestia obriga a cerrar os olhos; e depois que a acabão de matar com

tanto furor, e indecencia, assim a deixáramos descomposta no meio da praça, sem que ninguém cusasse de dar sepultura a tão lastimoso cadaver!! Estes, e outros factos horroresos, e sacrilegos, que tiveram lugar n'aquelles tempos do *sancto absolutismo*, são hecódamente referidos não por algum liberal; mas pelo mui erudito, e mui acreditado Historiador Portuguez, Manuel de Faria e Souza, no que também concordão outros Chronistas respeitaveis.

E ora se cometerão taes desacatos, e tão vergonhosos crimes? Quando assim se ultrajou a J. C. sacramentado? Na sua propria casa, nas mãos de huma virgem, que lhe era consagrada, e tudo isto pelos annos de 1357 pouco mais, ou menos. Há quatrocentos e oitenta e hum annos, que taes horrores se praticão em Portugal! E havia então Constituição Representativa? Existia alguma Carta? Havião Liberaes? Como pois se pode rasnarel, e justamente attribuir a estes, e ás Instituições Politicas ora dominantes n'aquelle Reino o facto alias escandaloso, acontecido na occasião da Procissão do Corpo de Deos? Como dizer-se em tom decisivo, e magistral, que este facto vergonhoso, e sacrilego não pertence á historia da brava Nação Portugueza, se, como acabo de mostrar, factos muito mais horriveis, e torpes manchão as paginas dos Annaes desse Reino? Talvez se procure huma evasão, dizendo-se, que o que aconteceu n'aquellas eras foi huma crise revolucionaria: mas facil he retorquer-lhe o argumento, e ponderar-lhe, que Portugal acha-se actualmente em outra crise revolucionaria. Que tem de ver com estes, e outros excessos, nascidos do furor dos partidos a forma do Governo? E se fóra absurdo o profano que se fez n'esse assassinio do Bispo de Lisboa, e a morte da Abbadessa d'Evora, e desacato ao Sanctissimo Sacramento, eão provenientes da Monarchia absoluta então dominante; o mesmo he dizer-

se, que o que agora agora se fez no acto da Procissão do Corpo de Deos, e por causa efficiente o Regimen Representativo, ou o genio Liberal.

Para que pois são essas exagerações? Para que dar por causa o que não he causa? O que se pretende com estes, e outros paralegysmos? Volver o Brazil para essa Monarchia gothica, que elle hepezou com vara de ferro por mais de trez seculos? Quer-se huma Monarchia absoluta para o Brazil no seculo 19? Para o Brazil contínuo de Democracias, para o Brazil inteiramente separado da Politica da Europa? *Risum teneatis, amici?* Os advogados do absolutismo attribuem todos os nossos males ao regimen Representativo, e para elles o Liberal he synonymo d'impio, e d'anarchista: mas não olhão elles para a França tão religiosa, tão prospera, tão poderosa, não a tentão para os Estados Unidos tão eminentemente enriquecidos, tão adiantada na sua civilisação, e ambos esses paizes governados constitucionalmente, ambos dirigidos pelo *genio liberal*? Quaes serião mais felizes os Americanos, e Francezes com o seu Regimen Representativo, ou a estuporada Hespanha sob a *sancta* Monarchia absoluta de Carlos 6.º, ou de Fernando 7.º? Que povos mais ditosos, do que os que habitão os Cantões Democraticos da Suissa? Se estamos vendo pois Nações grandemente moralizadas, e mui prosperas sob o systema Liberal; segue se indubitavelmente, que não he da essencia deste produzir a irreligião, e a desordem. Quem mais Liberal, que Franklin, e Washington? Quem mais amigo da Liberdade, que o immortal Lafayette? E não fóraõ ao mesmo tempo mui religiosos, e cidadãos dotados de excellentes virtudes?

O Governo absoluto he por sua mesma natureza odioso, e detestavel. propositio do que citarei a seguinte anedota, referida pela mulher mais espan-

que se tem visto na Republica das
 Leis. Madama d'Stael no vol. 14
 das suas Obras completas pag. 340 diz
 o seguinte — Injusto fora certamente o
 não reconhecer, que muitos Soberanos,
 apesar d'eyr possadros no poder absoluto,
 subterão servir-se delle com sabedoria :
 Mas de verá a sorte de Nações inteiras es-
 tã dependente d'hum accaso ? Citarã a
 este proposito hum dicto do Imperador
 Alexandre, que me parece digno de ser
 consagrado. Tive a honra de o ver em
 Petersborg no momento mais notavel
 da sua vida, isto he ; quando os Fran-
 cezes acmettião Moscow, e Alexandre
 rejeitando, por se julgar vencedor, a
 paz, que lhe offerecera Napoleão, tri-
 unfava assim do seu inimigo com mais
 sagacidade, do que ao depois o fizeram
 os seus Generaes. Vós não ignoraes,
 diz me o Imperador da Russia, que os
 meus camponezes são escravos. Tenho
 feito o que posso para melhorar-lhes a
 sorte, e adunã em meus domínios ;
 mas encontro alias obstaculos, que o re-
 pou do Imperio me obriga a re peñar.
 — Senhor, respond-lhe eu, sei, que
 a Russia presentemente he feliz, com
 quanto não tenha outra Constitui-
 ção mais, do que o caracter pessoal de
 Vossa Magestade — Quando verdadeira
 fõ se a honra, que me attribuis, repli-
 cou o Imperador, eu nunca seria, se
 não hum accidente feliz. Parece-me
 difficil, que mais bellas palavras fossem
 proferidas por hum Monarca, cuja si-
 tuação era para cegar, a respeito da sorte
 dos homens. O poder arbitrario não só
 entrega as Nações ás vicissitudes da he-
 rança, como que os Reis mais illustra-
 dos, huma vez que são absolutos, não
 podem, ainda ouvendo, inspirar em
 o seu povo a força, e dignidade de ca-
 racter. *Deos, e a Lei podem man-
 dar, como senhores, ao homem seu
 o aviltar.*

He pois hum erro, huma injustiça a-
 tribuir os males dos povos ao genio li-
 beral. Se não fõr este, se estivesse-

mos pela doutrina da obediencia passi-
 va, e pelos sedicões principios do abso-
 lutismo, ainda hoje seriam os colonos
 d'antiga Metropole Portugueza ; pelo
 que os defensores do poder Magestático
 descido immediatamente do Ceo devem,
 a ser querentes, detestar a nossa Inde-
 pendencia ; por que para ella foi indis-
 pensavel o subtrahir-nos a sagrada obe-
 diencia do Rei legitimo, e descendente
 em linha recta dos filhos de Noé.

Bem longe estou de approvar muitas
 cousas, muitos abusos, que passão en-
 tre nós ; e os meus fracos escriptos são
 hum publico testemunho de quanto os
 desejo corrigidos, e emendados : mas
 não entendo, que taes males nascão do
 systema liberal ; porém sim da nossa pes-
 sima educação, dos maus habitos em
 fim, que nos ligou esse mesmo Gover-
 no absoluto, pelo qual se desvivem al-
 guns ; e não he possivel, que se emen-
 dem no curto espaço de 17 annos vicijs,
 que se arregaão no decurso de seculos.
 Além disto (diz o sabio Tocqueville) nada
 há mais leundo em maravilhas, do que
 a arte de ser livre : mas ao mesmo passo
 nada há tão arduo, como o tyrocínio da
 Liberdade. Não he assim o despotismo.
 Este muitas vezes se appresenta, como
 reparador de todos os males, arrituo do
 bom direito, sustentaculo dos opprimi-
 dos, e fundador da ordem. Os Povos
 adormecem no remanso da prosperida-
 de momentanea, que elle produz ; e
 quando acordão, achão se miseraveis.
 A Liberdade pelo contrario nasce ordi-
 nariamente no meio das tempestades,
 e ella se estabellece custosamente entre as
 discordias civiz, e só depois de velha he
 que podemos conhecer os beneficios.

Huma enfermidade chronica, e anti-
 ga não se pode curar de repente, e com
 remedios drasticos : he preciso, que se
 leve muito á accção lenta, mas segura
 do Tempo, a quem chama o principio dis-
 se ao Bacon de Verulamio o maior dos
 innovadores. Reformem-se lenta, e
 prudentemente varias leis, que nos não

quadrão, ou são entre nós inexequíveis, segure-se o Throno, e seja torneado de todos os prestígios de consideração e respeito, como elemento primordial da nossa segurança, e prosperidade, isto tenho repetido mil vezes, isto desejo; mas que regressemos para hum Governo absoluto, que em vez de subditos nos tornemos vassallos, não, nunca escreverei neste sentido nunca insinuarei tal opprobrio, tal baixeza tal degradação ao paiz, que me vio nascer. Sobejas prolas he dado, que detesto as urdinalas republicueiras; porém por fogir deste não me arrojarei ao extremo opposto, procurando promover hum Regimen absurdo, aviltador, e inteiramente desacreditado em todo mundo. Quando na propria Turquia já se fazem ensaios de hum Governo representativo, pretender no Brazil, circulado de Democracias resuscitar hum Monarchia dos tempos do Feudalismo, he em verdade hum sonho, hum chimera, hum especie de mania.

Ainda lutamos com muitos erros, ainda sofremos muitos abusos: mas estes não provêm certamente do systema Liberal, que felizmente abraçamos. Qual he a instituição humana, que se possa forrar a todo e qual quer abuso? Este proposito direi com o celebre Autor dos *Animaes Fallantes*

*Dunque, perchè non reo la face ardente
Scuat e incendia talor borgo o cittade,
O argin rompe di tumido torrente,
Per sommerger pastori, armeni e stade,
Non douran sulla terra aver più loco
Gli elementi di vita, e l'acqua, e il foco?*

Pois por que não perversa o facho ardente
Sacode, e põe Cidades abrasadas,
Ou rompe o dique á tumida torrente,
Que submerge pastor, messe, e manadas,

Hão-se de proscreever do mundo em mago
Os da vida elementos, fogo, e agoa?

Tenho reprovado muito as velhacarias, as embaçadellas, &c. &c., que se fazem entre nós a titulo, e sob co. Constituições; mas nem por isso jamais quererei, que o Brazil se faça atraz, torne a hum Monarchia absoluta, forma de Governo monstruosa, indigna de hum homem, que pensa, indecorosa, e precaria ao mesmo imperante, e nada conforme á illustração do seculo, em que vivemos. Finalmente direi com o celebre Lamartine, poeta eminentemente religioso, e Catholico., *Si il faut être esclarige, il vaut mieux n'avoir jamais été qu'esclave.*

Se de necessidade temos de ser escravos, melhor seria que nunca fôramos, se não escravos. Não me peja pois, antes me honra o ser liberal, pois não entendo por Liberal, se não o homem, que ama a justa Liberdade, que quer obedecer respeitosamente a Deus, e não ao capricho de outro qual quer homem; e zombarei d'aquelles imperrados maniacos, que por isso me quizerem tachar de impiedade; citando-lhes entre inmensas, que por brevidade omitto a respeitavel auctoridade do grande Cardeal Bellarmino, hum consumados Canonista, e ornamento da Igreja Catholica, o qual no seu *tractado de Summo Pontifice* Cap. 3. *Et assim se exprime.* "A Monarchia mixta temperada de Aristocracia, e Democracia val mais, que a Monarchia pura." Não sou homem d'extremos: nem quero Republicas, nem Monarchia absoluta. Só advogo o regimen, que o Brazil abraçou, jurou, e ha de sustentar apezar o desvaneios dos partidos.